



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA  
ÁREA DE LINGUAGENS E CÓDIGOS  
ORIENTADORA: MSC. ELISSANDRA BARROS

## CANTIGAS TRADICIONAIS DO POVO GALIBI – MARWORNO

Izonildo Pastana Macial<sup>1</sup>

João Alexandre Bertiliano Charles<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho sobre as “Cantigas Tradicionais do Povo Galibi-Marworno” tem como objetivo descrever e registrar tais cantigas, que eram cantadas pelos antigos nas diversas ocasiões do dia-a-dia, seja no trabalho, na hora do plantio, na de derrubada da roças e em outros momentos. Para a realização desse trabalho fizemos várias pesquisas de campo, entrevistando os mais velhos da comunidade. A organização das cantigas foi de acordo com sua característica e situação de uso.

**PALAVRAS – CHAVE:** Galibi-Marworno – cantigas – cultura - língua kheóul.

**HEZUM:** Sa thavai-la a “xâte tradjisional dji pov Galibi-Marworno” ki gâiē kumã objetiv dji ekhi i xōje khek xâte ki āvã no ghāpapa-iela te ka xâte tuleju lādã lukaziō dji thavai plāte batxi, kupe batxi, i uat momã. Pu fe sa thavai-la no fe boku peskiz dji kãp, no sase thuve tut sa ĩfohmasiō dji ghamun-iela lādã no kumunite. Sa ohganizasiō-la dji xâte-iela āsam ke kahate i situaciō ki no ka ize.

**PAHOL – XAV:** Galibi-Marworno - xâte-iela – tradjisiō – lang kheóul.

<sup>1</sup> Indígena da etnia Galibi-Marworno. Concluinte da Área de Linguagens e Códigos do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá.

<sup>2</sup> Indígena da etnia Galibi-Marworno. Concluinte da Área de Linguagens e Códigos do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá. Professor das séries iniciais da Escola Indígena Estadual Camilo Narciso na aldeia Kumarumã.

## CANTIGAS TRADICIONAIS DO POVO GALIBI – MARWORNO

Izonildo Pastana Macial

João Alexandre Bertiliano Charles

### 1. Sobre o povo Galibi-Marworno

Segundo Lux Vidal (2007, 17), os Galibi-Marworno, que não possuem parentescos genéticos com os Galibi do Oiapoque, são índios descendentes de vários grupos Caribe e Arawak provenientes das Guianas em épocas remotas e das etnias Marworno e Aruã, que há muitos anos estiveram instaladas na região do Uaçá, mas que hoje estão extintas enquanto povos diferenciados. Segundo dados de 2010 fornecidos pelo Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI), a população atual galibi-marworno é de aproximadamente 2.254 pessoas, localizadas nas seguintes aldeias: Kumarumã e Aruatú que ficam na margem esquerda do rio Uaçá, ambas numa região plana e de savanas. Ainda na T.I. Uaçá, ao longo da BR 156, estão localizadas as aldeias Tukay, no Km 92, onde funciona um posto de vigilância da T.I. Uaçá, Samaúma, no Km 83 e Anawerá, no Km 102. A aldeia Uahá fica situada na terra indígena Juminã. De acordo com o levantamento feito pelo DSEI em 2010, na aldeia Kumarumã residem 341 famílias.

Segundo a senhora Maria Laurita Maciel Gabriel (68 anos), umas das antigas moradoras da aldeia Kumarumã e que hoje reside na cidade de Oiapoque, antigamente a população galibi-marworno vivia espalhada em pequenas aldeias, como Kaimã, Pos, Vie-Vil, Biskot, Manaú, Arãpuk, etc. Segundo ela, naquela época a maior vila era o Biskot, e foi lá o local onde foi construída pelos franceses a primeira igreja católica e realizado o primeiro batizado. Tempos depois chegou um chefe chamado Fernando Eurico, que junto com a igreja católica deu o primeiro passo para juntar a população em uma só aldeia, na Vila de Santa Maria, atualmente Kumarumã. O objetivo era reunir pessoas para implantar a escola e alfabetizar os indígenas na língua portuguesa.

O senhor Manoel Rufino Nunes (54 anos) lembrou de um período paralelo a Primeira Guerra Mundial, durante o qual o capitão era o índio galibi-marworno Camilo Narciso, e o senhor 'Major', Jeannet Alexandre, era chefe da aldeia Santa Maria do Galibi, no rio Uaçá. Ele disse que na Aldeia Santa Maria tinha uma pessoa

que se chamava “Kumarumã”, por isso, a aldeia Kumarumã ficou com esse nome até hoje. Essa pessoa mudou para Uanari. Depois saiu do Uanari e foi embora para Kuru.

Conforme Arnaud (1969, 43, in RICARDO, Carlos Alberto; GALLOIS, Dominique T., (coords), 1983), na década de 30 o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) começou a atuar na região, com o objetivo oficial de proteger e fiscalizar os povos e as terras indígenas, bem como concentrar e unir todas as famílias em um mesmo local. Na região do Uaçá a comissão do SPI pretendia desenvolver a produção agrícola, a caça, pesca e a fabricação de canoas. Havia planos de se instalar uma fábrica de extração de pau-rosa no Rio Curipi, assim como fazer explorações auríferas no Rio Urucauá, na região do Uaçá, e também no Cassiporé. Ainda segundo Arnaud (1969, 43) a busca pelo ouro atraiu regatões que negociavam com os garimpeiros e com os índios. Nesse período, os índios eram proibidos de negociar seus produtos no Oiapoque, mas como havia apenas um delegado do SPI na região, era comum que grandes embarcações fossem até as aldeias com o objetivo de trocar os produtos indígenas por outros objetos de pequeno valor, como roupa, café, açúcar, sal, fósforo, terçado, machado.

De acordo com o senhor Antonio Charles (87 anos, Galibi-Marworno), no período anterior à chegada das missões no território indígena, os antigos galibi-marworno não tinham nenhuma religião e nem se quer sabiam se Deus existia. Não acreditavam em nenhum santo, quando um deles morria não usavam caixão, apenas queimavam o morto, juntavam os ossos e colocavam em grandes jarros, e junto dele colocavam também suas miçangas ou acessórios de enfeite artesanal. Nessa época, eles não rezavam para os mortos, porque não sabiam rezar e nem sabiam se deus existia no mundo. As almas dessas pessoas não subiam para o céu, elas só ficavam na terra junto do corpo e viravam demônios.

Nesta época havia um índio chamado Xibidõ, que em Galibi significa “*chefe da tribo*”. Era somente ele que podia falar com as árvores e os animais da terra, porque nessa época os índios ainda não se batizavam nem tinham espíritos de um ser humano, por isso eles mantinham contatos com qualquer espécie da natureza. Na época e até os dias atuais apenas os índios mais velhos da aldeia que sabiam e que sabem cantar o cântico do pajé. Nesse tempo, o pajé verdadeiro andava dentro d’água, para se comunicar com os bichos encantados que havia lá. Ele passava até um mês no fundo do outro mundo encantado.

Ao sair do fundo d'água ele dava alguns sinais, como uma tempestade de trovão e de relâmpago. A partir daí, ao chegar de uma longa viagem, ele organizava a dança do Turé, perguntava aos dançantes se eles queriam beber sentados no banco comum ou no banco encantado. Então os índios começaram a ser batizado, mas não era com água benta, mas apenas com água e sal.

Depois vieram os padres. Eles chegaram antes do SPI, e atuavam realizando algumas atividades religiosas, principalmente os batizados. O Conselho Indigenista Missionário (CIMI) chegou na década de 1970 na aldeia Kumarumã, em parceria com a FUNAI, e os indígenas foram aderindo cada vez mais a religião católica. O padre Nello Ruffaldi, através do CIMI, foi quem mais freqüentou a aldeia Kumarumã, realizando e construindo obras de sua missão.

Até hoje os galibi-marworno tem sido bastante influenciados pela sociedade não-indígena. A cultura vem se modificando e, conseqüentemente, sendo esquecida e substituída pela a cultura não-indígena. Os moradores mais antigos da aldeia ainda guardam lembranças importantes que vivenciaram no passado, muitas delas foram registradas por pesquisadores como Lux Vidal e Marcio Silva que atuaram na região, mas é pouco ainda, pois não foi registrado na memória de todos os indígenas. Hoje na aldeia Kumarumã as mudanças tem influenciado a língua e a cultura, houve até a perda do trabalho em mutirão, que regulava o relacionamento dentro da aldeia, a vida social e a vida religiosa. Na educação, a maioria das mudanças tem conotação positiva, agora os professores são indígenas, mudou a metodologia, com a aprovação e a implementação do currículo escolar indígena, e a educação específica para os indígenas agora passa pelo ensino médio até a universidade. Mas o que mais mudou é a atitude das famílias quanto à escolarização. Atualmente as famílias são completamente favoráveis ao estudo dos filhos, elas consideram a escola e o estudo como meios de conhecer e valorizar sua língua materna e sua cultura.

## **2. Do Caribe ao Kheuól**

Os galibi-marworno, como dissemos anteriormente, são descendentes de vários grupos que existiam na região do Uaçá, entrei os quais os Karib e Aruak. Eram, provavelmente, falantes de uma língua da família caribe, que entrou em contato com outras línguas indígenas. Dessa língua, que os mais velhos chamam de galibi antigo, restaram poucas palavras, ainda presentes hoje na memória dos mais

idosos. Atualmente são falantes do kheuól (patoá), língua crioula de base francesa. Essa língua é a mais utilizada na aldeia Kumarumã, embora hoje o português tenha ganhado muita importância devido ao contato com os não-indígenas, tanto dentro quanto fora da aldeia, principalmente na cidade de Oiapoque.

Nos anos 1980 houve um grande interesse de pesquisadores e linguistas sobre este povo, os últimos chegaram até a região do Uaçá com o objetivo de realizar um trabalho de descrição da língua kheuól falada pelos Galibi-Marworno e Karipuna. Os linguistas eram Francisca Picanço Montejo (CIMI), Ruth Montserrat (UFRJ) e Marcio Silva (UNICAMP). Nesse período foi criada uma ortografia para a língua e produzidos a maior parte dos estudos sobre o kheuól. O CIMI produziu e publicou a *Gramática Kheuól* (1984), utilizada nas escolas indígenas das etnias galibi-marworno e karipuna, que compartilham o kheuól como língua de grupo. Apesar da primeira gramática do kheuól ter sido publicada um ano antes, em 1983, pelo *Summer Institute of Linguistic* (SIL), o estudo *The Grammar of Karipuna Creole* (1983), de Fredy Tobler. Essa gramática, ou por ter focado somente o kheuól falado pelos Karipuna, ou por ter sido escrita em inglês, não é muito conhecida na região. O SIL também publicou um vocabulário e um dicionário da língua kheuól. É a partir desses estudos sobre a língua que hoje os professores indígenas galibi-marworno e karipuna estão produzindo alguns materiais didáticos na língua para as escolas indígenas.

### **3. Objetivos e metodologia**

Este trabalho é sobre os textos tradicionais orais galibi-marworno. Nosso objetivo foi coletar estes textos, analisar as características deles e descrever onde eles circulam, ainda hoje, na aldeia Kumarumã. Nós procuramos pesquisar com pessoas mais velhas, que tem informações mais concretas. Pesquisamos com idosos, todos galibi-marworno e moradores antigos da aldeia Kumarumã. Fizemos entrevistas, das quais algumas foram gravadas no modo filme da câmera digital. A nossa pesquisa começou devagar, conhecendo primeiro a pessoa, um pouco da realidade em que vive. Queríamos descobrir as formas específicas como os Galibi usam/usavam a oralidade nos contos, rezas, brincadeiras, narrativas, etc. Nesse sentido, conseguimos coletar uma série de textos orais que iremos analisar adiante.

#### 4. Cantigas do povo Galibi-Marworno

Na tradição Galibi-Marworno as cantigas eram usadas em diversos momentos da vida cotidiana, como em brincadeiras, atividades domésticas, na caça e na pesca, durante derrubada da roça e plantio. Nessas ocasiões as cantigas não necessitavam do acompanhamento de instrumentos musicais. Além das cantigas utilizadas no cotidiano, existiam outras que eram entoadas somente em momentos determinados marcando, geralmente, momentos de passagem, como nascimento e morte. A seguir descreveremos algumas dessas cantigas que registramos no decorrer de nossa pesquisa, também falaremos de seu significado, tema e momentos de uso.

##### 4.1. Cantigas relacionadas às atividades cotidianas

###### 4.1.1. Cantiga de ralar mandioca (xãte dji ghaje mãiook)

Há muitos anos atrás, quando os antigos galibi-marworno realizavam um grande mutirão para ralar mandioca, eles costumavam cantar para animar aquele grupo de pessoas que participavam do trabalho naquele momento, o dono do mutirão preparava bastante caxiri e muita comida para seus trabalhadores, as mulheres tiravam a casca da mandioca e cantavam para os homens ralar, dizendo assim:

*Fam sasa, fam khobo , fam sasa, fam khobo  
kã pu thavai a mo un so  
kã pu mãje no boku.*

A cantiga mostra uma mulher preguiçosa, que é chamada de mulher cigana, mulher urubu. O canto fala sobre a procura de alimento por esses dois pássaros (cigana e urubu), que são muito preguiçosos. A cantiga diz o seguinte: “quando é para trabalhar é somente eu, quando é para comer como muitos”. Essa cantiga era muito usada, porém, logo que chegou o ralo motorizado, os indígenas foram deixando o costume de fazer o mutirão de ralar mandioca, que atualmente não ocorre mais. Com isso, também a cantiga usada nessas ocasiões caiu em desuso, e hoje apenas os mais idosos da comunidade e alguns poucos jovens lembram-se das músicas cantadas.

#### 4.1.2. Cantiga de serrar madeira (xãte dji sie)

Segundo o senhor Alacídio Figueiredo Narciso, 35 anos, esse canto acontece quando duas pessoas serram madeira com serrote grande e manual, a madeira fica em cima de uma armação de madeiras roliças de aproximadamente dois metros de altura. O movimento é feito em dupla, uma pessoa em baixo e a outra em cima praticam ao mesmo tempo o movimento de cerrar a madeira, fazendo o mesmo processo e cantando junto. O trabalho também pode ser feito em mutirão, com comida e chibé. Nesse caso, quando acabar o mutirão todos vão tomar caxixi.

(01) *mẽ u pa, mẽ mo pa*  
*mẽ u pa, mẽ mo pa.*

O canto fala sobre o processo de movimento que dois indivíduos fazem quando estão serrando. A cantiga diz “*tá aqui o meu, tá aqui o teu*”, quando o indivíduo que está em cima puxa o serrote fala “*ta aqui o meu*”, quando abaixa o serrote, fala para o outro que está embaixo “*tá aqui o teu*” e assim o trabalho vai acontecendo.

#### 4.1.3. Cantiga para derrubar a mata (xãte dji cupê batxi)

Pesquisamos com o senhor Manoel Rodrigues Trindade, 75 anos, que nos contou como acontecia a derrubada da mata. Segundo ele, havia uma cantiga que era cantada enquanto as pessoas derrubavam a mata. Geralmente ficavam quatro pessoas ao redor da árvore. Elas iam cantando enquanto derrubavam a árvore com o machado. Para os galibi-marworno a cantiga era uma maneira de distrair a natureza para que ela não percebesse que ali estava sendo tirado um pedaço de sua vida, e assim, não reagir pondo em perigo os índios. Em nossa pesquisa encontramos três cantigas diferentes, que eram cantadas durante a derrubada da mata.

A primeira cantiga é o choro, o lamento de um cachorrinho durante a derrubada da mata.

(02) *U ka khie un txixẽ mãdole*  
*tê, ê, ê, tê, ê, ê mãdole, tê, ê, ê mãdole.*

*U ka khie un txixê mǎdole.  
tê, ê, ê, tê, ê, ê mǎdole, tê, ê, ê mǎdole.*

Esse canto significa o choro de um pequeno cachorrinho. “*Mǎdole*” é o nome do cachorrinho, que chora ao ver seu dono correndo um grande perigo por derrubar as árvores.

As cantigas usadas para a derrubada da mata não precisavam, necessariamente, ter como temática a própria derrubada, mas podiam ter temáticas diversas. O senhor Manoel Rodrigues Trindade nos contou sobre uma cantiga de derrubada da mata que surgiu na Guiana Francesa. O canto narra a história de uma mulher que é vista por um homem negro na casa da mãe dela. Ele se apaixona por essa mulher que é muito bonita parecida com uma flor, ela era a flor mais bonita de Caiena.

(03) *Aiõ, aiõ mo pu ale la kaz papa muẽ  
Mo te sa butxe hox kaien  
aiõ, aiõ lage mo pu ale la kaz papa muẽ mamã muẽ  
aiõ, aiõ lage mo pu mo ale la kaz papa mo ale ( 2x).*

Segundo Manoel Rodrigues Trindade, a cantiga acima começou a ser usada na derrubada da mata porque durante um mutirão de derrubada havia um índio negro que estava recém-casado e muito apaixonado, e que por isso cantava tal cantiga.

A cantiga abaixo trata de um papagaio que fica no meio da floresta. Ele pede ao sol para não ir dormir, para ficar mais um pouquinho, porque ainda estava cedo. A cantiga geralmente é puxada pelo dono do mutirão, que pede aos trabalhadores que continuem porque ainda está cedo.

(04) *Jako mēiẽ kale dodo  
txēbe solei, txēbe solei.*

Todas essas cantigas ainda existem na memória de alguns idosos que vivem na comunidade, mas que não trabalham mais na derrubada da mata para fazer a

roça. Esse é um dos motivos delas não estarem sendo cantadas pelas pessoas que fazem roças atualmente. Outro motivo é o uso dos motores pelos indígenas para derrubar as árvores.

## **4.2. Cantigas que marcam períodos de passagem**

### **4.2.1. Nascimento (xãte dji akuxmã)**

As parteiras Estelita dos Santos, 48 anos e Maria Matilde Galibi, 84 anos, contam que as parteiras indígenas sabem todo o processo de como fazer os remédios tradicionais e da forma de puxar a barriga da mãe com azeite de andiroba e tucumã para endireitar a criança que está para nascer, fazendo com que ela nasça rápida e sem perigo. Quando a criança nasce, a parteira pega o cordão umbilical e amarra com um fio, depois a parteira amarra a barriga da mulher para que o útero que está solto não se mova, o que causaria muita dor durante o parto. Às vezes quando a criança nasce quase morta, então a parteira chupa o nariz da criança para que ela possa sobreviver. Caso a mulher não consiga fazer um parto normal, a parteira faz um remédio tradicional, que é acompanhado de um cântico e de um assopro na barriga da mãe, o cântico é assim:

(05)            *la, ia, tãgi*  
                   *Tunã, samũ, samũ, ã*

O cântico significa que é para a criança nascer rápido e sem problema. Ele é bastante usado por todas as parteiras da comunidade e também por alguns senhores que tem esse conhecimento. Em parceria com as parteiras o parto tem mais chance de acontecer rápido e com sucesso, sem que a mulher corra risco algum.

### **4.2.2. Cantiga de curar crianças ao nascer (xãte dji hãje tximun)**

Pesquisamos com o senhor Paulo Berlien Enrique, 35 anos, que contou que a cantigas abaixo têm um objetivo de grande importância na cultura indígena, que é o de proteger a criança desde seu primeiro dia de vida até seus dois anos de idade. Ao nascer à criança, o pai procura alguém que entende do canto para fazer a cura na criança, com isso o bebê passa a ter uma vida saudável e protegida das

infecções intestinais e contra as comidas e frutas gordurosas que a mãe consumir durante este período.

(06) *Tūbiri tūbiri, amoro tūbiri*  
*Okumābo, patawābo*  
*Atximoronēta ĩarēta tūta irānā,*  
*Tūbiri tūbiri amoro tūbiri,*  
*Ximoroganĩ xipĩko tūbiri*

Este canto já foi e continua sendo muito importante na cultura do povo galibi-marworno porque isso é uma maneira de prevenir a criança dos olhos grandes e mau olhado, esse ritual vai passando de geração a geração de maneira reduzida, apenas alguns jovens se interessem em aprender. As maiorias das pessoas que sabem cantar são os mais velhos, muitos estão morrendo e não querem ensinar aos mais novos. Eles dizem que a juventude de hoje não valoriza os cânticos e não se interessa em aprender. Às vezes, a única maneira de aprender é quando eles estão bêbados e começam a cantar todo tipo de canto que sabem, e quem tiver por perto vai aprendendo.

#### **4.2.3. Cânticos de velório (xāte lamō)**

Os cânticos de velório são tradicionais para os índios da região do Uaçá, e em especial para os galibi-marworno. Segundo o senhor Raimundo dos Santos Paixão, 44 anos, eles devem ser cantados quando uma pessoa morre, com grande animação e movimento. O morto é velado em casa a noite toda, acompanhado pela família e por esses cânticos, que são cantados em patuá e em português. O ato é bastante animado, enquanto uns cantam outros comem, bebem, jogam dominó e conversam alegremente, prestando solidariedade aos familiares do falecido. Algum tempo depois de enterrado o defunto, o mesmo ritual se repete durante uma noite inteira, até ao amanhecer. As duas cantigas a seguir são feitas durante a brincadeira de roda, é proibido brincar e cantá-las sem ser em velório. Elas são cantigas que os nossos avôs deixaram para nós. Hoje elas são conhecidas como cantigas de despedida.

- (07) *“Melino, melino pa tuxe sizo  
Melino, melino pa tuxe sizo”*

Nesta cantiga são chamadas “Melino” as várias pessoas que circulam em uma roda. Uma pessoa fica no meio da roda, ela é chamada de “sizo”, tesoura em kheuól, quem tocar na tesoura é substituída por ela.

- (08) *“Chora Manoel não chora,  
Chora porque não vi o limão  
O limão vai andar na roda Manoel  
Passando, o limão, limão “ (3x)*

Manoel na cantiga se refere à família do defunto, que está em luto chorando muito, e parentes e amigos consolam esta família para tentar distrair da grande tristeza desse momento. Durante a brincadeira de roda o limão esta perdido, e as pessoas tentam achar. No velório não é diferente, a família procura entre os vivos o parente que morreu e não encontra.

- (09) *“Se lalin sa bel ixtua, sa asue-la mo ka mize  
Sue-la, sue-la mo ka mize, kahe sêie Zabel,  
Bux ke bux Zabel, tet ke tet Zabel”.*

A cantiga fala sobre a lua. Ela é cantada para tirar a tristeza dos familiares do defunto, diz que essa passagem vai tirar o sofrimento, passando para uma vida melhor, por isso em vez de chorar vamos nos divertir, por sabermos que o parente vai ao lado do senhor.

#### **4.3. Cantigas de ninar (xâte dji jue)**

As cantigas de ninar sempre foram usadas pelos mais idosos da comunidade para fazer as crianças dormirem. A senhora Maria Mosiana Nunes dos Santos disse que a cantiga “*ãdjidã bukã*” é a melodia mais conhecida pelos mais idosos da comunidade, que sempre fizeram suas crianças dormir com este canto. Em nossa pesquisa identificamos duas cantigas para fazer as crianças dormir: a primeira é para fazer a criança dormir tanto de dia quanto à noite (4.3.1); a segunda canção é

cantada quando a mãe faz a criança dormir de noite dentro do mosquito (4.3.2). A juventude não usa mais estas melodias, que só são usadas pelas pessoas mais antigas da comunidade.

#### **4.3.1. Cantiga para fazer dormir de dia ou à noite (xāte pu fe tximun dhumĩ la jonē i nanuit)**

Essa cantiga é para fazer criança dormir tanto de dia quanto a noite na rede. A criança é embalada para dormir assim:

(10)            *Kā so papa su i ka dāse thatha,  
Kā so mama su i ka dāse thatha,  
Hoho kai nado, hoho mahi siāgo.*

Este canto fala sobre um homem porre. A cantiga diz que quando o pai estiver porre ele dança e quando a mãe estiver porre ela dança.

#### **4.3.2. Cantiga para fazer a criança dormir à noite dentro do mosquito (xāte pu fe tximun dhumĩ nanuit ādjidā bukā)**

Esse canto é para fazer a criança dormir na cama, pra ela ficar com medo e dormir logo.

(11)            *Hau, hau, mĩ, mĩ  
hau, hau, mĩ, mĩ  
hau, hau, mĩ, mĩ  
murukututu ka vinĩ mājeu.*

Essa cantiga pretende assustar a criança, chamando o nome de um pássaro, que é a coruja, dizendo que ele vem comê-la. Como a coruja é feia e a criança tem medo, ela para de chorar e dorme logo.

#### **4.4. Cantiga de brincar (xāte dji jue)**

O senhor Jesimar Severino, de 44 anos, nos mostrou algumas cantigas de brincar que até hoje são cantadas na comunidade. A cantiga abaixo, segundo ele,

fala de um pequeno passarinho pescador que gosta muito de tomar banho. Quando vê as crianças brincando de pira-pira na água, ele se aproxima perto para tomar banho junto a elas. Esse pequeno passarinho é chamado “*taparaxixi*” e fica em cima dos galhos das árvores, vive na beira do rio e fica dentro dos igarapés. As crianças, ao tomar banho, cantam a canção de “*taparaxixi*”.

(12)            *“Taparaxixi ka vole la djilo topou,  
Taparaxixi ka vole la djilo topou”.*

Até hoje ainda acontece esse tipo de brincadeira na comunidade. Quando os indiozinhos vêem o passarinho, pulam na água para tomar banho, imitando as características do passarinho. Assim as crianças brincam e cantam quando estão tomando banho.

#### **4.5. Canto de pescaria (xãte dji pexe)**

Paulo Berlien Henrique diz que quando vai pescar, antes de sair de casa e de falar com a esposa e com os filhos, costuma cantar o canto a seguir, se benzendo e defumando todos seus instrumentos e materiais de pesca, pois assim pescará muitos peixes.

(13)            *Aramaribo, tikamĩ, sauasauari  
Tuna ierero uruá  
Sua sauari, tikamĩ  
Tuna ierero uruá  
Sua sauari tikamĩ.*

No canto acima, *aramaribo* é a cobra grande no fundo do mar, que caça tanto no mar quanto fora d’água. *Tikanĩ* é o gaviãozinho do campo, que só se alimenta de outros pássaros e não erra o alvo no primeiro arremesso. *Sauasuari* é o gavião do mar, que só se alimenta de peixes e que mergulha até dois metros de profundidade para pegar o peixe. Com a cantiga, esses espíritos se incorporam ao homem e fica muito boa sua pescaria.

## 5. Assopros

O assopro é uma espécie de ritual indígena que faz parte da cultura e crença religiosa do povo galibi-marworno e karipuna. Durante sua realização os pajés entoam cantos, fazem suas orações e pedidos de proteção para os espíritos protetores, utilizando o cigarro de tawari, defumadores, banhos de ervas e soprando para o alto em direção ao local ou ao indivíduo indígena que esteja ali presente para receber as graças de cura ou de proteção.

### 5.1. Assopros da roça (*hãje batxi / sufle batxi*)

Dentre as práticas orais tradicionais dos galibi-marworno encontra-se o *assopro da roça*. Ele é praticado no período da roçagem, antes e após o plantio. Segundo Manoel Severino dos Santos, 50 anos, “*este assopro é para a roça ficar boa e ter bastante raiz, quando sopra a roça é para chamar o filho da mandioca*”. O assopro também serve para proteger. Os galibi acreditam que quando há duas roças próximas é necessário protegê-las, caso isso não ocorra, a raiz da mandioca desprotegida irá nascer na roça protegida. Embora na aldeia a confecção da farinha tenha tido algumas modernizações, como o uso do motor para ralar a mandioca, o assopro continua a ser realizado. O assopro é sempre feito em *kheuól* e existem vários tipos. Aqui colocamos uma dessas variações que encontramos:

(14) “Mĩ Mĩ, Mĩ Mĩ, Mĩ Mĩ, Mĩ Mĩ.  
anũ la no kaz, uat mun ka volo mĩ mĩ”

Segundo o informante, “Mĩ Mĩ” é o espírito da mandioca chamado na hora do ritual do canto, que é realizado durante três sextas-feiras, de preferência até dois meses após o plantio. Esse ritual deve ser feito por alguém especial que tem que levantar bem cedo e não deve lavar o rosto. Durante o dia a pessoa não pode consumir pimenta na hora das refeições ou falar com alguém, mas deve ir direto para a roça. Somente assim o ritual poderá funcionar. Até hoje grande parte da população dos galibi-marworno pratica este ritual para ter bastante rendimento e progressão na sua produção de farinha. Aquele que não tem esse conhecimento paga alguém que sabe para fazer isso por ele, porque não quer ter prejuízo no seu plantio de roça.

## 5.2. Assopro de doença espiritual (suflê vã dji bet nuit)

De acordo com Roberto Benjamin (51 anos), o assopro faz parte da cura de doenças espirituais, ou seja, quando alguém é afetado por um tipo de doença, cujo nome “*karuru savan kawiruri, bet-nuit*” seria bicho invisível. Esse bicho é um pássaro que anda de noite, ele não olha para baixo, sempre fica olhando para cima. Quando este pássaro encontra com alguém em qualquer lugar, ataca a pessoa, principalmente na cabeça. Daí em diante, a pessoa começa a ficar doente, com dor de cabeça, tontura, fraqueza no corpo, podendo até ficar aleijado. A pessoa atacada pelo pássaro não consegue andar direito, os pés ficam duros, a boca fica parecendo alguém que teve derrame. Quando a pessoa fica doente por ter encontrado o pássaro, precisa de alguém que saiba este canto para que possa ser curada.

(15) *Txei, txei,txei (3x)*  
*imĩforu ohkõ imĩforu*  
*Dohei, mãmã pidahan*  
*txikili, txikiwa- (3x)*  
*pĩpã taĩko makua dãikairo xinã rõbu iawa rõbu, mãierê, ou, ou.*

### 5.2.1 Assopros de vários tipos de tumor (sufle dji kusemo)

Fizemos uma entrevista com o professor Lenildo Florêncio Narciso (38 anos), durante a qual ele nos informou que estes tipos de cantigas de assopro só são usados quando o kusemor, conhecido como “*tumor*”, sai no corpo da pessoa. Segundo o informante, os mais velhos contam que quando alguém dorme muito até altas horas do dia um bicho encantado do outro mundo, chamado “*lapusie*”, lança suas flechas, então tumor aparece na pessoa que estiver dormindo. O tumor também pode ser causado pelos micróbios que vivem na lama e nas águas contaminadas. Existem vários tipo de tumores e cantos:

#### 5.2.1.1 Assopro de kusemõ labu (suflê dji kusemõ labu)

Kusemo labu é uma espécie de micróbio que fica na lama e pode causar os mais variados tipos de tumor. Para sua cura, deve-se cantar assim:

- (16) *Pó, pó, pó, pô*  
*kurá raimũ, pô*  
*Nikurá raimũ*  
*Pó, pó, pó, pô...*

#### 5.2.1.2 Assopro de txikusemõ (sufê dji txikusemõ)

“Txikusemõ”, conhecido como ezipe, é um tipo de tumor que sai na pessoa através de ferida. O curador faz o assopro e defumação com remédio caseiro para puxar a quentura de dentro para fora. Além disso, ele ferve folha de cabaça, canta e assopra bem e coloca em cima do tumor para desinflamar. O canto é assim:

- (17) *Amoro Kuse, Kuse*  
*Mõbõ, Kuse, Kuse (2 x)*  
*Sará raimũ (3 x)*  
*Tunã korõ, puruãkõ ximoro gamĩ.*  
*Amoro kuse, kuse, kuse mãbõ, ô, ô, ô*

#### 5.2.1.3 Assopro de ghokusemo (sufê dji ghokusemõ)

*Ghokusemo* também é eziipa, não muda nada quase, é o mesmo remédio que se prepara. Algumas poucas palavras mudam na hora de fazer o assoprar no tumor. O curador canta três ou mais vezes, fazendo o mesmo processo com o canto para curar a doença, soprando ater chegar ao momento em que enche e fura para sair o puis de dentro e logo vai sarando. O processo de canto é assim:

- (18) *Amoro kuse, kuse, kuse, kuse*  
*Sara raimũ (3 x)*  
*Tunã koro, puruãkõ, ximoro ganĩ.*  
*Amoro, kuse, kuse.*

### 5.2.2 Assopros de mocó (puẽ pu oum e fam)

Ozias Lorian Forte (33 anos) nos contou da cantiga Yomauare, um tipo de assopro que os antigos cantavam. Na língua dos galibi antigos puẽ (mocó) é um tipo de macumba. Esse canto é usado quando alguém que foi desprezado ou ofendido por uma mulher ou homem bonito. O canto objetiva fazer essas pessoas ficarem interessadas em quem ofenderam, assim o ofendido poderá vingar-se.

(19) *Yamauare kasamarĩbo o, o... (2X)*  
*Yamauare kasamarinẽ o, o...*  
*Aukasãribo o, o*  
*Yamaureo, o, o, o...*

“Yamauare” é uma árvore grande, com suas flores amareladas e muito bonitas, tanto os seres humanos quanto os animais são atraídos pela sua beleza e aroma encantador.

## 6. Considerações Finais

Ao concluirmos nossa pesquisa queremos registrar que ainda existem muitas coisas na nossa cultura que estão sendo esquecidas pelos jovens, influenciados pela cultura do não índio, cada vez mais presente nas nossas aldeias, mas que ainda são preservadas pelos mais velhos, podendo ser aprendidas e cultivadas pelas futuras gerações. Para que isso aconteça é necessário que a juventude se aproxime dos mais velhos, aprendam e pratiquem as cantigas e os outros costumes tradicionais junto com eles.

As cantigas que apresentamos já foram muito utilizadas pelos mais velhos, que cantavam como uma forma de ritual para a realização das atividades do dia-a-dia, e que hoje não se vê mais como antes. Quanto mais os idosos vão morrendo, junto com eles vai morrendo muitos traços da nossa cultura. Esse trabalho faz um resgate dessas cantigas, valorizando a nossa linguagem, que é a principal identidade do nosso povo e por isso precisamos manter viva em nossa comunidade e cuidar para que ela não seja esquecida.

## 7. Referências

### 7.1 Bibliográficas

RICARDO, Carlos Alberto; GALLOIS, Dominique T., (coords). Povos Indígenas no Brasil. v. 3, Amapá/Norte do Pará. São Paulo, Cedi, 1983.

CIMI. **Dicionário Patuá/Português**. Edições Mensageiro, Belém-Pará, 1988.

CIMI. **Gramática kheuól**. Belém-PA, CIMI Norte II, 1984.

DSEI. **Levantamento demográfico dos povos indígena do Amapá**. FUNASA \ CORE-AP \ SIASI. DISEI AMAPÁ E NORTE DO PARÁ, 2010

TOBLER, S Joy. **The Grammar of Caripuna Creole**. Belém – Pará, SIL, 1983

VIDAL, Luz Boelitz. **Povos Indígenas da Baixa Oiapoque: o encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver**. Museu do Índio, Iepé. 2007.

### 7.2 Orais

**BENJAMIN**, Roberto. Entrevista realizada por João Alexandre B. Charles, em 10/07/2012. Na aldeia Kumarumã. Etnia Galibi-Marworno.

**CHARLES**, Antonio. Entrevista realizada por João Alexandre B. Charles, em 12 /02 /1999, na aldeia Kumarumã. Etnia Galibi-Marworno.

**ENRIQUE**, Paulo Berlien. Entrevista realizada por Izonildo Pasta na Macial, em 11/05/2012, na aldeia Kumarumã. Etnia Galibi-Marworno.

**FORTE**, Ozias Loriano. Entrevista realizada por João Alexandre B. Charles, em 19/07/2012. Na aldeia Kumarumã. Etnia Galibi-Marworno.

**GABRIEL**, Maria Laurita Maciel. Entrevista realizada por Izonildo Pastana Macial, em 17/02/2012, na cidade de Oiapoque. Etnia Galibi-Marworno.

**GALIBI**, Maria Matilde. **SANTOS**, Estelita dos. Entrevista realizada por João Alexandre B. Charles, em 23/12/2011, na Aldeia Kumarumã. Etnia Galibi-Marworno.

**NARCISO**, Alarcidio Figueiredo. Entrevista realizada por João Alexandre B. Charles, em 13/09/2011, na aldeia Kumarumã. Etnia Galibi-Marworno.

**NARCISO**, Lenildo Florêncio. Entrevista realizada por João Alexandre B. Charles em, em 15/06/2012. Na aldeia Kumarumã. Etnia Galibi-Marworno.

**NUNES**, Manoel Rufino. Entrevista realizada por João Alexandre B. Charles e Izonildo Pastana Macial, em 20/09/2011, na aldeia Kumarumã. Etnia Galibi-Marworno.

**PAIXÃO**, Raimundo dos Santos. Entrevista realizada por João Alexandre B. Charles, em 22/10/2011, na aldeia Kumarumã. Etnia Galibi-Marworno.

**PAIXÃO**, Raimundo dos Santos. Entrevista realizada por João Alexandre B. Charles, em 23/12/2011, na aldeia Kumarumã. Etnia Galibi-Marworno.

**SANTOS**, Manoel Severino. Entrevista realizada por João Alexandre B. Charles e Izonildo Pastana Macial, em 20/08/2011, na aldeia Kumarumã. Etnia Galibi-Marworno.

**SANTOS**, Maria Mosiana Nunes dos. Entrevista realizada por João Alexandre B. Charles, em 12/09/2011, na aldeia Kumarumã. Etnia Galibi-Marworno.

**SEVERINO**, Jesimar. Entrevista realizada por João Alexandre B. Charles, em 07/11/2011, na aldeia Kumarumã. Etnia Galibi-Marworno.

**TRINDADE**, Manoel Rodrigues. Entrevista realizada por João Alexandre B. Charles, em 09/12/2011, na aldeia Kumarumã. Etnia Galibi-Marworno.

**TRINDADE**, Manoel Rodrigues. Entrevista realizada por João Alexandre B. Charles, em 15/12/2011, na aldeia Kumarumã. Etnia Galibi-Marworno.